



# Exploração de Filmes como Estratégia Pedagógica

## Exploring Films as a Pedagogical Strategy

Revista Portuguesa de  
Educação Artística Vol. 7, N.º 2  
DOI: 10.23828/rpea.v7i2.  
<http://recursosonline.org/rpea>

*Manuela Cachadinha*

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo

*Anabela Moura*

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo

*Carlos Almeida*

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo

### RESUMO

A exploração de obras cinematográficas como estratégia pedagógica constitui uma prática referida na literatura educativa atual. Durante as últimas décadas, temos recorrido a esta estratégia na nossa prática docente nos cursos onde lecionamos na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo. Sabemos que a utilização de filmes como instrumentos de natureza pedagógica pode realizar-se de diferentes formas e para atingir diferentes objetivos educativos. Na nossa prática, temos selecionado e recorrido a alguns filmes que já foram visionados por públicos generalistas mas que abordam, de forma mais ou menos ficcionada, temáticas coincidentes ou muito próximas, dos objetivos das unidades curriculares que lecionamos. O recurso a esta estratégia é efetuado seguindo determinados procedimentos que fomos refinando em função de experiências efetuadas em anos antecedentes e de acordo com as características dos grupos de alunos em presença e com os objetivos e conteúdos programáticos da unidade curricular concreta em que estamos a trabalhar. A abordagem crítica de temáticas e conceitos relacionados com a diversidade social e cultural na escola e na sociedade, a cidadania, os direitos humanos e sociais, as relações sociais e intergeracionais, a prática pedagógica, a inovação, a produção artística e a educação em geral têm constituído objetos de reflexão privilegiados com o nosso recurso a filmes. Neste artigo apresentamos uma breve descrição das nossas experiências e práticas pedagógicas com recurso a filmes e refletimos sobre algumas virtualidades e limitações encontradas nestas tarefas educativas.

Palavras-chave: Cinema; Educação; Cultura Visual; Sociedade; Pedagogia; Interculturalidade.

### ABSTRACT

The exploration of cinematographic works as a pedagogical strategy is a practice that is mentioned in the current educational literature. During the last decades, this strategy has been used in our teaching practice in the undergraduate courses at the Higher School of Education in the Viana do Castelo Polytechnic. We know that the use of films as pedagogical tools can be carried out in different ways and to achieve different educational goals. In our practice, we have selected and made use of some films that have been screened for general public but that address, in a more or less fictionalized manner, subjects that are coincident or close to the main aims of the course units we teach. The use of this strategy follows certain procedures that have been improving due to experiments carried out by the teachers, in previous years, and according to the characteristics of the participant students and to the aims of our syllabuses.

A critical approach has been used when we discuss the themes and concepts related to social and cultural diversity in school and society, citizenship, human and social rights, social and intergenerational relations, pedagogical practice, innovation, artistic production and education in general. The critical analysis of films has allowed for a privileged reflection about all these topics. This paper presents a brief description of our experiences related to the use of films as a pedagogical resource in our teaching-learning practices and reflects on some their strengths and weaknesses.

Keywords: Cinema; Education; Visual Culture; Society; Pedagogy; Interculturalism.

## 1. Introdução

A arte cinematográfica constitui um dos modos de expressão cultural da sociedade atual, tecnológica e globalizada. A relação entra a sétima arte e educação, quer seja no contexto da educação formal/ escolar quer seja no âmbito da educação não-formal e/ou informal, faz parte da história do cinema e tem-se consolidado na esfera educativa.

Desde o início das produções cinematográficas que os respetivos promotores e diretores tiveram a perceção de que elas constituem uma poderosa ferramenta para a representação da vida social e cultural e para a educação. Também os professores dos diferentes níveis de ensino têm vindo a recorrer, de forma crescente, aos meios audiovisuais e aos filmes como ferramentas educativas, à medida que os recursos técnicos necessários à projeção de filmes se vulgarizam nas escolas.

É de salientar que a relação entre o cinema e conhecimento ultrapassa o campo da educação formal e da formação técnica. Atendendo à diversidade de saberes plasmados nos filmes, é possível ultrapassar a conceptualização do cinema como simples instrumento de lazer, como estímulo audiovisual ou como uma mera ilustração, mais ou menos ficcionada, da realidade. Importa trazer para a esfera da educação (formal, não formal e informal) e da didática a reflexão e a investigação sobre como os filmes e as imagens influenciam,

socializam, aculturam e educam as pessoas.

Neste sentido, pode-se partir de uma análise de cariz sociocultural dos conteúdos cinematográficos para produzir uma didática que sinalize, identifique e reflita as questões sociais, sociológicas e antropológicas que estão contidas e envolvem as produções filmicas, artísticas e culturais.

O objetivo deste artigo consiste na apresentação de algumas experiências de natureza didático-pedagógica por nós realizadas com o recurso a filmes que circularam nos circuitos comerciais e que aparentemente não foram produzidos com objetivos educativos específicos mas sim com objetivos artísticos, comerciais, de entretenimento e de lazer.

As experiências aqui relatadas iniciaram-se na década de noventa do século XX nas unidades curriculares de Sociologia da Cultura e de Sociologia da Educação dos Cursos de Formação de Professores do Ensino Básico com recurso aos filmes *O Clube dos Poetas Mortos* (Weir, 1989) e *Mentes Perigosas* (Smith, 1995). As nossas experiências pedagógicas com recurso a filmes prosseguiram depois no século XXI, nas unidades curriculares de Sociologia e Antropologia da Cultura e Iniciação à Prática Profissional II do Curso de Licenciatura em Gestão Artística e Cultural, na unidade curricular de Artes, Pedagogia e Cidadania Crítica do curso de Licenciatura em Educação Básica e na unidade curricular de Sociologia de Envelhecimento I do

Curso de Licenciatura em Educação Social Gerontológica, nesta recorrendo ao filme *Gran Torino* (Eastwood, 2009).

Na sequência do trabalho aqui apresentado ocupar-nos-emos com a elaboração de algumas reflexões sobre os resultados educativos conseguidos através da realização das experiências relatadas e com a reflexão sobre pistas para novas explorações pedagógico-didáticas de filmes.

## 2. Contextualização Teórica e Pedagógica

Atendendo a alguma bibliografia consultada (Bergala, 2002; Duarte, 2002; Fantin, 2006; Napolitano, 2003; Rivoltella, 2002), podemos dizer que o cinema está presente na educação há várias décadas e que esta presença se notou inicialmente sobretudo nos países com maiores recursos tecnológicos, económicos e culturais.

Fantin (2003) e Rivoltella (2002:134-5) distinguem quatro fases ou idades que ajudam a perceber o papel do cinema na educação europeia e no conjunto de sua relação com os outros meios:

- a **idade do texto impresso** (presente sobretudo na Europa dos anos 30);
- a **idade do cinema** (presença marcante na década de 60, quando os *media* educativos descobrem o cinema a partir do trabalho teórico das revistas *Cahiers du Cinéma* e *Screen* e a partir de experiências em associações culturais do tipo cineclubes);
- a **idade da televisão** (a partir do consumo televisivo massificado);
- a **idade do computador e da Internet** (sobretudo a partir da década de 90 do século XX, quando

o computador passou a ocupar um espaço cada vez mais visível na sociedade e na educação).

Neste contexto, é de salientar que na denominada idade do computador e da Internet referida por Fantin (2003) e Rivoltella (2002), os próprios computadores e a Internet são meios vulgarmente utilizados por crianças, jovens e adultos para o visionamento das obras cinematográficas. Poderemos mesmo afirmar que na fase de expansão dos computadores e da Internet também se alarga a possibilidade de acesso ao cinema. Os filmes podem agora ser visionados na esfera pública e na esfera privada com maior facilidade devido à expansão dos computadores e da Internet. Esta situação permite-nos pensar que o cinema e a suas potencialidades educativas não foram anulados na fase de expansão das redes informáticas e dos computadores. Na realidade, verifica-se uma grande diversificação da oferta quer educativa quer informativa e lúdica.

A utilização do cinema como instrumento didático-pedagógico torna oportuno enfocar os aspetos sociais, pedagógicos, artísticos, culturais, políticos e históricos gerando uma perspetiva global do cinema enquanto recurso educativo.

A introdução de estratégias inovadoras nos processos de ensino-aprendizagem é primordial para a mudança pedagógica e para a adequação às transformações sociais e culturais das sociedades atuais tendo como objetivo proporcionar uma formação integral dos cidadãos e uma educação para a cidadania. Assim, o cinema constitui, em nosso entender e na perspetiva de vários autores (Bergala, 2002; Duarte, 2002; Fantin, 2006; Napolitano, 2003; Rivoltella, 2002), um recurso educativo repleto de potencialidades ao constituir-se como

um meio que pode contribuir para a aprendizagem, para a reflexão e mudança das práticas sociais, culturais e educativas.

Dentro do contexto da utilização do cinema como veículo e ferramenta de formação cultural e descoberta da cultura visual, temos enfatizado diretrizes curriculares, numa perspectiva crítica, que segundo Hernandez (2000) significa avaliação e juízo que resultam de diferentes modelos de análise (semiótico, estruturalista, desconstrucionista, intertextual, hermenêutico, discursivo), preferindo utilizar os termos representações e artefactos visuais em vez de imagens.

O processo de leitura de imagens surge como reação à proliferação de ecrãs virtuais em espaço público na época contemporânea e vários são os autores que ensinam a trabalhar com a cultura visual. Para Duncun (2003), a cultura visual relaciona-se com estudos culturais, com as experiências vividas pelas pessoas, com a dinâmica da sociedade que inclui as relações sociais, os valores, as crenças, as representações e artefactos visuais.

Ao ser percebido como um meio educacional o cinema insere-se na sala de aula de forma a potenciar as aprendizagens refletidas e significativas sobre a cultura visual e sobre a própria vida social.

Neste contexto, o professor deve motivar e auxiliar o aluno agindo como um elo de ligação e reflexão entre o que o cinema gera/proporciona na perspectiva do aluno e o conjunto de conhecimentos a serem construídos/adquiridos na situação pedagógica (de sala de aula).

É frequente alguns professores e educadores apelidarem de “educativos” apenas os filmes cujas temáticas têm relação direta com os conteúdos curriculares, considerando fundamental que tenham

intencões didáticas e formativas bem específicas. Também é vulgar a utilização da designação “filme educativo” relacionando-a com os filmes sobre aulas relativas a matérias/conteúdos de determinados programas formativos, que tem a finalidade de apoiar ou substituir a função desempenhada tradicionalmente pelo professor.

As duas situações antes referidas constituem, na nossa perspectiva, um reducionismo que limita a utilização do cinema como recurso didático-pedagógico.

Como instrumento educativo os filmes podem ou não proporcionar um elevado potencial pedagógico visto que é mais fácil, quer para uma criança, quer para um adulto, captar informações e mensagens veiculadas com recurso a estímulos audiovisuais. O filme ajuda o professor a quebrar com o modelo tradicional de aula baseado na exposição teórica e abstrata de matérias/conteúdos, podendo servir tanto para apresentar conteúdos mais ou menos detalhados como para ilustrar conceitos, demonstrar experiências e refletir sobre elas.

A utilização de obras cinematográficas com objetivos de natureza pedagógica e de socialização tem sido referenciada na literatura educacional. Designadamente, Rosália Duarte (2002) ao contrário de seguir a tendência de encarar o cinema como mais um recurso didático para o ensino, parte do entendimento de que a educação e o cinema são formas de socialização dos indivíduos e instâncias culturais que produzem saberes, identidades, visões de mundo e formas de estar. Partindo do princípio de que muitas das conceções veiculadas pela nossa cultura têm como referência significados que emergem das relações construídas tanto entre professores e alunos como entre espectadores

e filmes, Rosália Duarte (2002) salienta o caráter acentuadamente educativo do cinema. À medida que vai estabelecendo relações entre os currículos nas salas de aula e os conteúdos no cinema, a autora coloca questões relevantes quer seja no que diz respeito às dimensões culturais do campo educativo, quer seja no concernente ao próprio uso do cinema na educação escolar.

Rosália Duarte (2002) refere que Pierre Bourdieu (1979) defende que a experiência das pessoas com o cinema permite desenvolver o que pode designar-se de “competência para ver”, no âmbito das competências culturais. Contudo, o desenvolvimento de tal competência não se limita ao mero ato de assistir a filmes e tem uma relação com outras capacidades e com o universo social e cultural dos indivíduos. Relativamente às outras capacidades referidas poderemos pensar no desenvolvimento da capacidade/competência de reflexão crítica sobre o que é visualizado e ouvido.

A autora (Duarte, 2002) afirma que numa sociedade dominada pelos meios audiovisuais como é a nossa, o conhecimento da linguagem audiovisual é um requisito fundamental para se poder circular em diferentes campos sociais. As imagens em movimento podem ser relacionadas com aquilo que somos, com as nossas identidades, o que nos remete para uma reflexão sobre a importância da linguagem audiovisual na cultura, na arte e na sociedade. Na nossa cultura valorizou-se muito a linguagem escrita e a importância de conhecermos uma série de obras e produtos literários, mas a leitura das imagens e a prática de ver e analisar filmes é de extrema relevância e de importância crescente no nosso quotidiano.

A questão da linguagem audiovisual assume

especial relevância para professores e educadores sobretudo se pensarmos na educação como um processo de socialização e aculturação.

O cinema constitui-se como um espaço onde se cruzam práticas socioculturais diversas e, assim, é um agente de socialização que ocasiona encontros das mais diversas naturezas: de indivíduos com outros indivíduos nas salas de exibição de filmes, dos indivíduos com eles mesmos, dos espetadores com as narrativas nos filmes, dos indivíduos com as culturas nas diferentes representações filmicas, dos indivíduos com imaginários pessoais e coletivos múltiplos e outros.

Tal como afirmam Fantin (2006) e Rivoltella (2005), a par da televisão e dos novos meios eletrónicos/virtuais, o cinema é também um dos elementos constitutivos do ambiente simbólico das novas gerações. Afirma Rivoltella: “À luz das novas teorias interacionistas, o cinema e os *media* em geral constituem campos de interação simbólica em que os sujeitos constroem e compartilham significados” (2005: 75 - tradução nossa).

Na perspetiva de Rosália Duarte (2002), o cinema deve ser também entendido enquanto prática social e cultural, pois o significado de um filme depende do contexto em que é visto e/ou produzido. Neste sentido, os filmes suscitam e/ou consolidam uma série de representações, convenções, estereótipos - de cultura, de educação, de idades, de masculinidade, de feminilidade, de infância, de etnia, etc. - e de padrões sociais, de forma que façam sentido para os seus públicos. A autora saliente que no cinema dominante nas sociedades atuais continua a sobressair a perspetiva masculina, branca, ocidental, heterossexual, em detrimento de outras representações mais plurais e multiculturais.

Na sequência do que antes se referiu, importa que o visionamento de filmes em contexto educativo e de sala de aula seja objeto de reflexão e análise crítica, no sentido de consciencializar os alunos das eventuais limitações e preconceitos de natureza etnocêntrica subjacentes a determinados conteúdos cinematográficos. “Ver e interpretar filmes implica, acima de tudo, perceber o significado que eles têm no contexto social do qual participam” (Duarte, 2002: 107).

### 3. Descrição das Experiências Pedagógicas Realizadas com Filmes

Ao longo das últimas décadas e durante a nossa prática docente em Cursos de Formação de Professores do Ensino Básico e de Educação Básica, em Cursos de Gestão Artística e Cultural, em cursos de Educação Artística e em Cursos Educação Social e Gerontológica recorreremos à utilização de filmes como estratégia pedagógica na abordagem de temáticas constantes nos programas e para atingir objetivos das unidades curriculares que lecionamos. Passamos agora à apresentação das nossas experiências.

#### 3.1. Experiência com Recurso a Três Filmes em Contexto de Sala de Aula

Nas unidades curriculares de Sociologia da Cultura e de Sociologia da Educação dos Cursos de Formação de Professores do Ensino Básico recorreremos aos filmes *O Clube dos Poetas Mortos* (Weir, 1989) e *Mentes Perigosas* (Smith, 1995).

A estratégia utilizada consistiu em dividir cada

turma em grupos de três alunos aos quais fornecemos, um conjunto de questões orientadoras do visionamento do filme. Estas questões estavam associadas a conteúdos programáticos da respetiva unidade curricular. Seguidamente procedeu-se à projeção do filme.

As questões orientadoras do visionamento do filme *O Clube dos Poetas Mortos* foram as seguintes:

- Qual a cultura que é transmitida pela escola?
- Como é que o filme retrata a educação?
- Que tipo de educação é apresentado no filme?
- Haverá outros tipos de educação diferentes da apresentada no filme?
- Quais os efeitos que pode ter a educação nos alunos?
- Que tipo de relação se pode estabelecer entre a escola e a família dos alunos?
- Como é que o filme apresenta as relações entre os professores e os alunos?
- De que forma é tratada a diversidade cultural no filme?
- Quais os constrangimentos que podem existir na inovação pedagógica?
- De que forma é que a escola contribui para o desenvolvimento da cidadania?

Após a projeção do filme os alunos reuniram para discutir em pequenos grupos para tentar responder às questões colocadas. As respostas foram depois apresentadas à turma.

Vejamos agora algumas das respostas dadas pelos nossos alunos às questões colocadas e que consideramos paradigmáticas do tipo de reflexão suscitada pelo visionamento do filme:

“O filme retrata uma educação de um colégio muito tradicionalista. As mudanças não são bem

aceites. Há um grande controlo dos professores em relação aos alunos e também os professores são muito controlados pelo diretor escola. Há muitos rituais. (...). Até as roupas usadas pelos alunos e pelos professores são muito antiquadas. A maioria dos professores é velhota” (aluna, 21 anos).

“Sim, há outros tipos de educação diferentes da que predomina no colégio apresentado no filme. O próprio professor Keating representa uma educação diferente da que predomina no colégio. A educação pode ser mais moderna e inovadora do que a daquele colégio. Atualmente, nas nossas escolas, valoriza-se mais a criatividade e a iniciativa dos alunos. O colégio do filme tem uma educação antiquada apesar de ser para filhos de famílias com dinheiro” (aluna, 22 anos).

“A forma em que a escola contribui para o desenvolvimento da cidadania, no filme não é fácil. Na verdade a escola deveria ajudar os alunos a crescer enquanto pessoas. Deveria ajudar os alunos a serem participativos e nem sempre isso acontece. No filme vemos que há muita competição promovida pela própria escola. Há também muita competição e muita traição entre os próprios alunos. A escola quer que os alunos sejam muito obedientes e bem comportados. Os alunos têm dificuldade em ser pessoas que decidem sobre o que gostam e sobre o que querem” (aluna, 23 anos).

Para a análise e reflexão sobre o filme *Mentes Perigosas* fornecemos aos nossos alunos os seguintes tópicos:

- A cultura e as culturas retratadas no filme;
- A educação dominante na escola apresentada no filme;
- As “minorias” retratadas no filme e as novas minorias (cá em Portugal);
- Os preconceitos que discretamente estão presentes no nosso quotidiano profissional e social (sob a capa de “boa educação...”);
- As novas formas de marginalização social para além do “*Biologismo*”, do “*Sexismo*” e do “*Naturalismo*”;

- As avaliações de conhecimentos e de comportamentos enquanto formas de controlo social discriminatórias;
- Quais os valores subjacentes às práticas sociais nas escolas? (ex.: universalismo *versus* particularismo; igualdade *versus* diferença; integração *versus* discriminação);
- Constrangimentos sociais, familiares, organizacionais, e outros, presentes no exercício das atividades docentes;
- A operacionalização de práticas pedagógicas alternativas (constrangimentos e implicações...);
- O papel dos estímulos positivos e das sanções positivas nas práticas educativas e na promoção do sucesso escolar.

Depois da projeção do filme dentro da sala de aula, cada grupo de alunos reuniu durante uma hora para discutir o filme e associar o filme aos tópicos fornecidos. No final da discussão cada grupo deveria elaborar um pequeno texto com a síntese da discussão efetuada. Depois cada um dos grupos apresentou à turma o respetivo texto, gerando-se uma discussão entre os grupos moderada pelo professor.

Após a discussão entre os grupos e durante as aulas seguintes o professor trabalhou com os alunos os conceitos constantes nos tópicos no sentido de introduzir maior rigor científico e forneceu bibliografia de apoio ao estudo das matérias do programa relacionadas com os tópicos de visionamento do filme.

Nas unidades curriculares de Sociologia e Antropologia da Cultura do Curso de Licenciatura em Gestão Artística e Cultural e na unidade curricular de Sociologia de Envelhecimento do Curso de Licenciatura em Educação Social Gerontológica, re-

corremos ao filme *Gran Torino* (Eastwood, 2009).

A estratégia utilizada consistiu, também, em dividir cada turma em pequenos grupos aos quais foi entregue um conjunto de questões relativas ao filme que iriam visionar seguidamente. Depois da projeção do filme na sala de aula cada grupo reuniria para discutir e elaborar um pequeno texto com as conclusões retiradas da discussão e com as respostas às questões colocadas.

Concretamente, utilizamos igualmente tópicos/questões para o visionamento do filme *Gran Torino* pelos alunos. As questões foram as seguintes:

- Que tipo de cultura ou culturas são apresentadas no filme?
- Como é que o envelhecimento é retratado no filme?
- Qual a relação entre o processo de envelhecimento e os contextos familiares?
- Que relações há entre o envelhecimento e as relações sociais?
- Haverá relações entre o envelhecimento e a(s) cultura(s)?
- Quais as relações entre o envelhecimento e a educação?
- Como é que o filme retrata as relações intergeracionais?
- Como é que o filme apresenta a relação entre diferentes culturas?
- Haverá outras formas de relacionamento entre as culturas diferentes das que são apresentadas no filme?
- Haverá relação entre o grupo cultural e/ou etário e o exercício da cidadania?

Após o visionamento do filme, os alunos reuniram discutiram e cada grupo produziu o seu texto que apresentou à turma, gerando-se desta forma

uma espécie de debate entre os grupos, com a moderação da professora. Esta moderação acabou por permitir iniciar um trabalho de reformulação e aprofundamento conceptual sempre que tal se revelou necessário.

Apresentamos agora um excerto de um dos textos produzido pelos alunos de um dos grupos sobre o filme *Gran Torino* que consideramos paradigmático do tipo de reflexão suscitada pelo filme:

“O filme retrata a cultura da sociedade norte americana (...) onde há muitas minorias que têm dificuldade em inserir-se na cultura dominante (...) alguns são marginais. O envelhecimento é apresentado como uma fase da vida cheia de dificuldades muitas delas criadas pela própria família (...). Os vizinhos no filme são a grande ajuda do Walt apesar de, no princípio, não se entenderem. O desentendimento tem a ver com as diferenças na educação e na cultura. Quando as pessoas envelhecem tendem a ser vistas como diminuídas e senis (...), nem todos os idosos são assim (...)” (texto produzido por alunos do 1º ano da licenciatura de ESG).

Posteriormente, a professora partiu das ideias e conceitos contidos nos textos dos alunos e que estavam relacionados com as matérias dos programas das unidades curriculares e introduziu um maior rigor nos conceitos abordados, fornecendo bibliografia de apoio ao estudo dos referidos conceitos. Nesta fase, posterior ao visionamento dos filmes, já foi possível efetuar sessões/aulas de natureza mais teórica, sem que tal fosse percebido como algo de “enfadonho” pelos alunos implicados.

### 3.2. A Experiência “Olhar o Real”

Há um ano atrás, em 2014/2015, na unidade curricular de Iniciação à Prática Profissional II, os

alunos do 3º ano da Licenciatura de Gestão Artística e Cultural começaram a ter a oportunidade de uma formação profissional significativa nas suas vidas, a partir da frequência do módulo intitulado “Olhar o Real”, lecionado por Alexandre Martins, que possui uma Licenciatura em Cinema e é formador audiovisual na Associação AO NORTE desde 2002, trabalhando o projeto “Olhar o Real” na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo (ESEVC) desde 2014, instituição parceira da Ao-Norte há longos anos. Esta colaboração não é nova, pois já tinha funcionado entre 2010 e 2012, numa unidade curricular opcional intitulada ‘Animação cineclubista’.

O objetivo maior deste módulo consistiu em refletir sobre a arte e a cultura, utilizando-se o cinema e a tecnologia vídeo e discutindo a forma como as novas tecnologias de informação têm vindo a ser utilizadas, abordando-se saberes históricos de filmes, que conduziram à comparação com outras fontes de investigação.

A turma foi dividida em oito grupos, reunindo-se cada grupo cinco horas semanais com o formador e a responsável da ESE pela unidade. Privilegiou-se a captação de som e imagem em modo automático e não em modo manual, o conhecimento técnico e conceitos estruturais da linguagem visual e sonora e o uso de terminologia específica da disciplina, a partir da análise de filmes documentários, como o “*Defining the moment*” de Peter Wintonick e de vários exercícios do OLHAR O REAL feitos anteriormente e alojados no sítio intitulado [lugardoreal.com](http://lugardoreal.com), que obrigaram os alunos a irem além daquilo que se vê na produção e a estabelecerem relações entre os significados da produção histórico-antropológica e a tradição que as gerou. A seleção dos filmes remontou ao cinema mudo, levando os

alunos a refletir sobre as contradições do mundo do trabalho industrializado, no caso, por exemplo do filme “Modern Times” (1936), escrito e realizado por Charles Chaplin.

A sequência de filmes selecionados pretendeu acima de tudo preparar os estudantes para a elaboração de pequenos exercícios sobre documentarismo, tendo o formador procurado refletir sobre as linguagens dos vários meios de comunicação, no que diz respeito ao saber cultural. Assim, para selecionar os filmes, foram usados como critério: filmes desde o início do cinema até hoje, apresentando de forma clara e objetiva questões relacionadas com a história desta arte e enfatizou-se o cinema documental.

Falou-se de sistemas de representação estético-artística, esclarecendo-se que o código europeu ocidental não é o único válido para a compreensão crítica da cultura visual. Alguns dos documentários analisados evidenciaram uma tendência biográfica, que se caracterizava por representações e artefactos que se relacionam com processos identitários, construção de valores e crenças e visões sobre a realidade.

A perspetiva ou tendência crítico-social foi também analisada a partir de exemplos de representações e artefactos que privilegiam as políticas da diferença e das relações de poder. Esta formação de dezasseis semanas culminou com a produção de exercícios documentais que revelaram consciência crítica e reflexiva em torno dos meios de comunicação, em especial do cinema e o contributo da linguagem audiovisual para a construção do conhecimento (Moura *et al*, 2013). Os alunos aperceberam-se que a descoberta da imagem permite analisar factos não visíveis e progressiva-

mente, ao longo das dezasseis semanas, foram-se apercebendo que o cinema os podia motivar para diversas aprendizagens.

A seleção dos temas dos filmes documentais foi da sua responsabilidade, depois de ouvida a Direção da Ao-Norte e o responsável da formação, tendo-se passado seguidamente ao contacto com as personagens dos oito filmes, tendo-se optado pelos seguintes critérios: “primeira porque a sua história é importante ser contada e registada e, segundo, porque vai estar a ajudar na formação/ consciencialização destes alunos para o mundo e pessoas que os rodeiam” (Alexandre Martins, 23/04/2015). Desta formação resultaram oito filmes com duração de 10 a 12 minutos:

1. ELISABETH, filme de: Joanna Jardim, José Lima, Paulo Passos. Os participantes foram: Elisabeth Lamche (estudante austríaca a frequentar o Programa Erasmus) e Herbert Lamche;

2. IRENE, filme de: Isabel Cruz, Margarida Neves, Vanessa Ribeiro. Participantes: Irene Dehesa Díaz (estudante espanhola a frequentar o Programa Erasmus);

3. MINHOTO DE TUI, filme de: Ana Magalhães, Bruna Maciel, Teresa Silva. Participantes: Rudesindo Soutelo, compositor Galego;

4. PADRE PAI IMIGRANTE, filme de: Inês Castanheira, Joana Passos, Miguel Costa. Participantes: Padre Vasily (ortodoxo), filhos e esposa.

5. PORTUGUÊS AO CASO, filme de: Carlos Fernandes, Eduardo Pacheco, Mário Rocha. Participantes: Armando Garcia, músico Cubano.

6. TEATRO DO NOROESTE/CDV - ENTRE O PASADO E O FUTURO, filme de: Catarina Moreira, Joana Reis, Rafaela Barreiras. Participantes: Adriel Filipe, Elisabete Pinto, Porfírio Barbosa, Ricardo Simões

7. UMA RÁDIO LOCAL NO SÉCULO XXI, filme de: Ariana Mina, Joana Oliveira, Marisa Sá. Participantes: Andreia Cruz, Celso Carvalhosa, Miguel Costa

8. UMA VIDA DEDICADA AO ESTUQUE, filme de: André Ribeiro, Mafalda Verde, Ramiro Araújo. Participantes: Domingos Fontainha.

Na pós-produção de todos estes exercícios tivemos a colaboração da Associação de Produção e Animação Audiovisual Ao-Norte. Estes exercícios exemplificam vias diversas de exploração crítica da cultura visual, apresentando discursos sobre os quais as representações constroem relatos do mundo social e favorecem determinadas visões relacionadas com identidades e contextos socio-culturais que ajudam a construir posicionamentos. No final o formador concluiu:

“...como formador gostaria de dar os sinceros PARABÉNS a todos os grupos que terminaram o seu trabalho, já que muito do material visionado pós término das aulas, tem uma qualidade muito boa, sobretudo valorizando o facto que muitos de vocês nunca tinha pegado numa câmara e microfone para filmar, nem tinha mergulhado neste mundo imenso das Imagens e Histórias REAIS” (Alexandre Martins 29/05/15).

Através das experiências relatadas conclui-se que as obras cinematográficas podem assumir valores imprescindíveis como documentos, como meios de aquisição de conhecimento de cultura geral, como contributos para investigação e repositório de memórias e as reações dos alunos, comprovaram que esta aprendizagem foi uma experiência enriquecedora, com impacto enorme na sua formação, passando a interpretá-lo como um espaço de transformação de consciência.

### 3.3. A Experiência “Os Lumiére na Sala de Aula”

No âmbito da unidade curricular de Artes, Pedagogia e Cidadania Crítica, da licenciatura em Educação Básica, foi proporcionada aos alunos uma vivência diferente tendo em conta os excelentes resultados obtidos em trabalhos similares desenvolvidos com a parceria da Associação Ao-Norte. Através da implementação do projeto “Os Lumiére em sala de aula” coordenado pelo formador Alexandre Martins no ano letivo de 2015/2016. Os principais objetivos desta experiência consistiam em promover a reflexão sobre a importância das artes visuais na abordagem de conceitos de cidadania e pedagogia crítica, bem como, desenvolver capacidades de utilização e produção de materiais didáticos, tendo em conta conceitos de valores e de cidadania, através de ações artísticas com intencionalidade pedagógica, com o recurso à imagem como instrumento de educação social.

O processo metodológico utilizado consistiu no seguinte: (i) abordagem e reflexão sobre a origem e evolução das “imagens em movimento”; (ii) brainstorming sobre o recurso e potencialidade do uso e recurso às imagens em movimento para serem abordadas diferentes problemáticas e preocupações do mundo atual; (iii) visualização de trabalhos produzidos noutros contextos; (iv) divisão da turma em grupos de trabalho para escolherem um tema a trabalhar com elaboração da respetiva sinopse dos temas a serem abordados; (v) feedback e análise dos temas, escolhas dos adereços, espaços, ensaios e gravação; e (vi) montagem em estúdio por técnicos da Ao-Norte.

Títulos dos trabalhos desenvolvidos:

- **Curta-metragem – Bullying** (Hélder Figueiredo, Cátia Carvalho, Joana Ervalho, Margarida Fernandes, Patrícia Martins, Tânia Araújo);
- **Baile de Máscaras** (Joana Cardoso, Stefanie Pereira, Sara Pereira, Mónica Costa);
- **Nem tudo o que parece é!** (Andreia Figueiredo, Cátia Santos, Jéssica Araújo, Joana Gonçalves, Mariana Torre, Rita Cruz);
- **O Álcool** (Ana Gregório, Ana Neiva, Mariana Silva, Vanessa Vilas Boas);
- **O Egoísmo** (Andreia Fernandes, Catarina Fernandes, Marta Azevedo, Marta Loureiro, Natália Martins, Rita Bento);
- **À conversa?!** (Joana Vieira, Jacinta de Miguel, Daniela Caramalho, Sara Cunha);
- **Estratégias de um preguiçoso** (Ana Luísa Lopes, Fátima Lima, Carla Silva);
- **Obras paradas** (Ana Catarina Rebouço, Marisa Barbosa, Mathilde Barbosa, Rafaela Barbeitos);
- **Um romance da treta** (Andreia Alves, Carina Abreu, Valéria Lemos);
- **(Bo)leado** (Helder Granjo, Catarina Couto, Catarina Vilaça, Marina Gonçalves).

A participação dos alunos neste desafio permitiu o crescimento e tomada de conhecimento das enormes potencialidades dos recursos audiovisuais, em contexto de sala de aula em vários níveis, através da reflexão sobre as realidades concretas instaladas na nossa sociedade atual, proporcionando a documentação e possibilidade de transmissão facilitada de mensagens de alerta para diferentes problemas sociais/educativos/artísticos no nosso quotidiano de uma forma que facilita a partilha e por sua vez a motivação e consciencialização de

temas que urgem em ser abordados.

Com as experiências relatadas os alunos compreenderam que a utilização de filmes ajudou a educar o seu olhar e os ensinou a perceber conceitos como o de cultura visual, multiculturalidade, interculturalidade, envelhecimento, geração, relações intergeracionais, educação, cidadania e minoria podendo ser aprofundados de forma não tradicionalista, partindo dos seus conhecimentos, estimulados pelo audiovisual, numa lógica de pedagogia construtivista, que envolveu procedimentos pedagógicos que promovem uma relação positiva dos meios de comunicação com a formação na licenciatura.

A análise do contributo da linguagem audiovisual facilitou a consciencialização dos alunos, de forma a torná-los aptos a melhor entenderem, discutirem e agirem de forma consciente e crítica no mundo, em interação constante com meios de comunicação e tecnologias, contribuindo para uma leitura daquilo que observam na televisão, na publicidade e no ambiente cinematográfico.

#### 4. Conclusões e Reflexão sobre os Resultados Atingidos

Após a realização das experiências relatadas é de salientar o seu contributo formativo e a realização de aprendizagens por parte dos alunos implicados sobre conteúdos gerais e concretos dos programas das unidades curriculares onde elas aconteceram.

O trabalho pedagógico efetuado com o recurso à projeção de filmes permitiu-nos perceber que o interesse dos alunos pelas matérias de carácter mais abstrato e teórico cresceu notoriamente

depois do visionamento do filme associando-o aos conteúdos programáticos. Matérias antes tidas como potencialmente “enfadonhas” e desinteressantes, por terem sido apresentadas num formato pedagógico tradicional, passaram a ser objeto de interesse e discussão empenhada por parte dos alunos após o visionamento dos filmes.

No contexto do que temos vindo a apresentar podemos concluir que a utilização e o visionamento de filmes, sendo realizados de forma orientada e refletida, permite atingir e aprofundar objetivos pedagógicos e didáticos que com as estratégias pedagógicas tradicionais e expositivas seriam dificilmente atingíveis.

Quanto à reflexão sobre as pistas para novas explorações pedagógico-didáticas de filmes podemos dizer que é fundamental a preparação prévia para uma atuação clara em sala de aula, procurando atingir os objetivos propostos no currículo, assim como promover um maior entendimento por parte dos alunos, dos objetivos da inclusão de tal recurso no âmbito da sala de aula, assim como das tarefas a concretizar após a observação de filmes.

Relativamente às experiências aqui descritas, concluímos que as metodologias adotadas têm sido muito pertinentes, pois possibilitam aos alunos um contato maior com o mundo do cinema e através dele, a aquisição de conhecimentos transdisciplinares. Na sociedade atual, onde os meios de comunicação têm um forte impacto no quotidiano dos cidadãos, a formação dos futuros gestores da arte e cultura, dos profissionais de gerontologia e dos professores de ensino básico, deve promover os índices de concentração e atenção para desenvolverem o seu sentido crítico sustentado e não se limitarem simplesmente à apreciação ou

ao prazer que as imagens lhes possam proporcionar. Porém, esta é a coreografia social de hoje, mas a de amanhã não sabemos. Por isso convém continuar a refletir sobre estas questões.

## Referências Bibliográficas

- BERGALA, Alain, 2002, *L'hypothèse cinema: Petit traité de transmission du cinema à l'école et ailleurs*. Paris: Cahiers du Cinema.
- BOURDIEU, Peirre, 1979, *La Distinction*. Paris: Les Éditions Minuit.
- DUARTE, Rosália, 2002, *Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- DUNCUN, Paul (2003), Visual culture in the classroom, In *Art Education*, Vol. 56, 303, 25-32.
- FANTIN, Mônica, 2003, Produção cultural para crianças e o cinema na escola. Anais da 26ª Reunião Anual da ANPED, Poços de Caldas. Disponível em : <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT16-1760--Int.pdf> (acesso em 12-03-2016).
- FANTIN, Mônica, 2006, *Crianças, cinema e mídia-educação: olhares experiências no Brasil e na Itália*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/88793/223085.pdf?sequence=1> (acesso em 12-03-2016).
- HERNANDEZ, Fernando, 2000, *Cultura visual, um dança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed.
- MOURA, Anabela; GONÇALVES, Maria Teresa; ALMEIDA, Célia (2013), Cross-Cultural Narratives of Creative Connections on Cultural Learning: the case of Viana do Castelo Escola Superior de Educação, Portugal, In *Revista Diálogos com a Arte – revista de arte, cultura e educação*, Vol. 3, p. 3: 34 - 47.
- NAPOLITANO, Marcos, 2003, *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto.
- RIVOLTELLA, Pier Cesare, 2002, *Media Education: modelli,*

*esperienze, profilo disciplinare*. Roma: Carocci.

- RIVOLTELLA, Pier Cesare, 2005, Il cinema luogo di educazione, tra sacuola ed extra scuola. In P. Malavisi, S. Polenghi e P. C. Rivoltella (orgs.) *Cinema, pratiche formative, educazione*. Milano: Vita e Pensiero.

## Filmografia

- Cinéma Vérité: Defining the moment, 2000, Filme. Dir: Peter Wintonick. Canada.
- Dangerous Minds, 1995, Filme e DVD. Dir: John Smith. E.U.A.
- Dead Poets Society, 1989, Filme e DVD. Dir: Peter Weir. E.U.A.
- Grand Torino, 2009, Filme e DVD. Dir.: Clint Eastwood. E.U. A.
- [lugardoreal.com](http://lugardoreal.com), 2012, Ao-Norte.
- Modern Times, 1936, Filme. Dir.: Charles Chaplin. E.U.A.